

APRESENTAÇÃO

Cauê Kruger¹
Paulo Ricardo Müller²

Em “Palavras-Chave”, o sociólogo galês Raymond Williams (2007) apresenta um interessante mapeamento conceitual das valências históricas de diversos conceitos fundamentais às ciências sociais. Entre eles, figura a noção de arte. Desde o século XIII, o termo pode referir-se a qualquer tipo de habilidade. Sentidos mais específicos de arte, entretanto, oscilaram ao longo do tempo. No período medieval, as “artes liberais” compreendiam a gramática, a lógica, a retórica, a aritmética, a geometria, a música e a astronomia; a partir do final do século XVII, o termo passou a referir-se a pintura, desenho, gravura e escultura e, na sequência, às “belas artes”. Em meados do século XIX, com a distinção moderna entre ciência e arte, o artista passou a distinguir-se do cientista, mas também do artesão, dos trabalhadores técnicos, industriais, operários e, em aproximação com a vanguarda, esforçava-se por distanciar-se dos burgueses. Vê-se que a noção de Arte (em abstrato e com letra maiúscula) é, assim, fruto do século XIX, efeito do estabelecimento de fronteiras com outros conceitos (como estética e cultura) e, também, resultado de transformações sociais modernas, especialmente da evolução da técnica, da ampla divisão do trabalho e da produção capitalista de mercadorias. Tal contexto gera:

[...] uma especialização defensiva de certas habilidades e propósitos, que passaram a designar-se as artes ou as humanidades, nas quais as formas de uso e de intenção gerais que não estavam determinadas pela troca imediata podiam ao menos tornar-se conceitualmente abstratas. Essa é a base formal da distinção entre arte e indústria, e entre belas-artes e artes-úteis (estas últimas adquiririam, por fim, um novo termo especializado em Tecnologia) (Williams, 2007, p. 62).

Da noção de “arte” teria, então, derivado a noção de “ofício”, o qual é frequentemente aplicado aos fazeres acadêmicos nas Ciências Humanas. São exemplos disso a concepção da sociologia como uma forma de arte (Nisbet, 2000) e de artesanato (Mills, 2009); da antropologia como ofício (Cardoso de Oliveira, 2006) e como “educação da atenção” (Ingold, 2016); do ofício de historiador (Bloch, 2001) e da pesquisa histórica como leitura de documentos e do próprio tempo “a contrapelo” (Benjamin,

1 Doutor em Sociologia e Antropologia (UFRJ), Mestre em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (ronteira SulUNICAMP), Bacharel em Artes Cênicas pela Faculdade de Artes do Paraná (FAP), Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). É professor da Especialização em Antropologia Cultural e da Licenciatura e do Bacharelado em Ciências Sociais da PUCPR. Professor colaborador do Mestrado Profissional em Artes da UNESPAR.

2 Doutor (UFRGS) e mestre (Unicamp) em Antropologia Social, bacharel em Ciências Sociais (UFRGS). Professor do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) e do domínio comum e específico do curso de Ciências Sociais do Campus Erechim da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).

1985). Nesse sentido, o tema deste dossiê – “Artes interativas, interações artísticas” – abraça a ideia de que, ao se fazer pesquisa em qualquer área das Ciências Humanas, se está praticando ou minimamente dialogando com algum tipo de “arte”, em seu sentido mais radical, ou seja, como algo que expressa habilidades e técnicas, o que Turner (1982) sintetizou sob o conceito de *performance*.

O presente dossiê resulta de um esforço de articulação entre a pesquisa em Ciências Humanas – entendida como área interdisciplinar conformada por áreas de saber consolidadas tais como antropologia, história, sociologia, educação – e a pesquisa no campo das Artes. Ainda que se possa conceber uma grande área de interesse constituída classicamente como “artes e humanidades” (Silva, 2005), as configurações institucionais predominantes principalmente nas universidades e agências de fomento separam esses campos, frequentemente objetificando a arte para as Ciências Humanas – sob o escrutínio de perspectivas disciplinares (sociologia da arte, antropologia da arte, história da arte) – e instrumentalizando as Ciências Humanas para a arte –, produzindo um rol de conceitos e metodologias disponíveis para uso, tais como a etnografia, a pesquisa historiográfica, as análises de discurso e de conteúdo, abordagens das novas tecnologias digitais, etc. (Foster, 1995). Esse cenário tende a reificar a oposição entre abordagens “contextualistas” das Ciências Sociais, preocupadas em situar as obras, artistas, a instituição e o público segundo elementos estruturantes como lugar, tempo, estruturas institucionais, formas de recrutamento, treinamento, patronato, etc.; e a perspectiva “internalista” das humanidades, que enfatiza a análise de “elementos formais: técnicas e meios utilizados, conteúdo das imagens ou linguagem, influências estéticas de obras criadas na mesma tradição ou similar” (Zolberg, 2006).

O propósito da presente chamada foi acolher propostas de (i) estudos da arte envolvendo artistas, diferentes mídias, suportes e linguagens, processos criativos e/ou articulações institucionais; (ii) reflexões e propostas de colaborações e experimentações interdisciplinares envolvendo arte, antropologia e outras áreas das Ciências Humanas em suas múltiplas possibilidades, fluxos e intercâmbios; (iii) apropriações e usos de abordagens etnográficas e/ou participativas feitas por artistas, cientistas, educadores e pesquisadores das Ciências Humanas. A partir disso, pudemos captar contribuições que têm por objetivo enfatizar reflexões contemporâneas fundadas em trânsitos disciplinares, em experimentações epistemológicas e metodológicas que tensionam saberes e fazeres estabelecidos.

Os artigos que compõem o dossiê são reflexo dessa diversidade temática e metodológica. Apresentam perspectivas sociológicas, antropológicas e históricas sobre fenômenos artísticos plurais, do circo ao cinema, das festividades e rituais populares à arte digital e interativa. Abrindo o dossiê, o artigo ARTE INTERATIVA, TECNOLOGIAS E EXPERIÊNCIAS SENSORIAIS MULTIMODAIS: O QUE DIZEM OS ESTUDOS?, de Priscila Trevisan, Elisângela do Carmo e Gisele Schwartz, foi resultado de uma pesquisa de revisão sistemática segundo o método *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA), realizada no Portal Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O resultado foi um universo de 67 artigos, analisados segundo os critérios: tecnologias utilizadas na Arte Interativa; interfaces e experiências do usuário e aplicações em contextos

específicos. A autora destaca a característica da arte interativa em criar experiências sensoriais multimodais. A combinação de som, luz e movimento em experiências imersivas estimula os sentidos e é capaz de engajar o público de maneira profunda, reconfigurando espaços e procedimentos tradicionais de exposição e mediação. Ao transbordar as fronteiras do mundo físico, valer-se de jogos, sons, recursos digitais e virtuais, a arte interativa estimula a criatividade e a participação ativa, e pode se tornar uma ferramenta importante para a aprendizagem ou mesmo para a promoção de saúde e bem-estar.

Interações e participação social também são o centro das reflexões sobre a construção social, via educação e técnica, do corpo circense, como nos explica Gláucia Kronbauer, em *CORPOS CIRCENSES: EDUCAÇÃO E A POTÊNCIA DO DE VIR*. A autora argumenta que o aprendizado da linguagem corporal circense não dirige os sujeitos univocamente para a valorização de sua estética ou de uma ética profissional e mercadológica, mas sim a formas de articulação do corpo com o contexto social e histórico em que a linguagem circense se expressa. Isso fica demonstrado a partir da análise de três contextos diferentes: o da Europa Ocidental na Idade Média a partir da descrição da *grotesquerie* por Bakhtin; o da Revolução Industrial nos países anglo-saxões a partir da dimensão burlesca das *performances* de Charles Chaplin; e o da União Soviética e a incorporação do treinamento corporal circense pelo teatro como forma de promover uma arte revolucionária.

Vinícius Franqueto, em *A JOÃO GUIMARÃES ROSA (MARCELLO TASSARA; ROBERTO SANTOS, 1968): DIÁLOGOS ENTRE O CINEMA EXPERIMENTAL E A ARTE CONTEMPORÂNEA*, parte da análise da historicidade do cinema de Jacques Rancière para analisar o curta-metragem experimental de mesmo nome do artigo (“A João Guimarães Rosa”), resultado de uma disciplina prática ministrada por Roberto Santos na graduação em cinema da Escola de Comunicação e Artes da USP em 1966 e 1967. o autor propõe uma espécie de história social da obra, ao reconstruir o contexto e a especificidade da produção original (em fotofilme, com animação realizada por Marcello Tassara de fotografias de *Maureen Bisilliat*) e refletir, a seguir, sobre as ressignificações do curta-metragem seja na exposição *Agora ou Nunca – Devolução: paisagens audiovisuais de Maureen Bisilliat* feita pelo Instituto Moreira Salles em 2020, seja ao considerar novas modulações desses materiais em *sites* e plataformas da internet.

O artigo *ETNOGRAFIA E OS SENTIDOS: UMA ETNOGRAFIA MULTISSENSORIAL DA FESTA DE SÃO BENEDITO DE CURAÇÁ, BAHIA*, de Gabriela Gomes e Cauê Krüger, apresenta uma pesquisa de etnografia multissensorial em que a observação participante e a elaboração de um documentário constituíram elementos fundamentais no processo de investigação e estabelecimento de relações com a comunidade de Curaçá em torno da Festa de São Benedito e a tradicional Marujada local. Ainda que não constitua expressão mais numerosa dessa festa, difundida em outras localidades em todo o país, o artigo articula pesquisa bibliográfica, etnografia, sonoridades e imagens em uma articulação envolvente e emotiva, capaz de suplementar os limites sensoriais da narrativa textual tradicional.

Também influenciados pela proposta da etnografia multissensorial, em *PISA DA UVA E VINDIMA: IDENTIDADE, PATRIMÔNIO E PERFORMANCE NAS NAR-*

RATIVAS TURÍSTICAS DA COLONIZAÇÃO ITALIANA EM BENTO GONÇALVES, Cristiane Bertoco e Cauê Krüger abordam a transformação da experiência de algumas famílias tradicionais de origem italiana, na configuração de uma experiência turística que mobiliza memória, narrativa e experiências vivenciais da colheita e do processamento de uvas vitivinícolas na região de Bento Gonçalves (RS). A ênfase da pesquisa recai na multissensorialidade como caminho para a articulação entre a noção de *performance*, experiência turística e patrimônio cultural imaterial, uma vez que esse procedimento já não é mais aplicado na cadeia produtiva atual. A reprodução da colheita, a culinária, a musicalidade e as danças, bem como a própria pisa da uva, configuram *performances* e experiências turísticas que reencenam a tensão entre o urbano e o rural, o tradicional e o moderno, e configuram atos de transferência com potencial de formatar identidades, memórias e patrimônios locais.

Já em ROBERTÃO, ARTISTA E MASCARADO: REFLEXÕES SOBRE ARTE E OBJETOS, Pamella Ignacio e Dayana de Cordova mostram como a agência de um artesão de máscaras nas Cavalhadas de Pirenópolis (GO), que celebram a festa do Divino Espírito Santo, também pode operar como plataforma para a emergência de múltiplas *personas* à medida que as máscaras, bem como outros artefatos por ele confeccionados, são utilizadas não apenas como adornos ou disfarces, mas como expressões de uma “entidade distribuída”, valendo-se do conceito cunhado por Alfred Gell, pelos diferentes corpos que encenam a cerimônia.

Esperamos que a leitura deste dossiê seja provocadora de novas reflexões e perspectivas de análise da arte, seja como um campo ou mercado simbólico, seja como manifestação identitária individual e coletiva, seja como *performance* situada. Os artigos foram assim dispostos para justamente incentivar um olhar descentralizador da arte, colocando-a em relações ecológicas com diferentes coletivos humanos e não humanos, contextos socioculturais, artistas e públicos, bem como em diálogo com as Ciências Humanas não apenas em sua configuração institucional e disciplinar, mas como um amplo esforço de compreensão da atuação humana cotidiana (Turner, 1982) no mundo contemporâneo.

BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 222-232. (Obras escolhidas, v. I).

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo*. 3. ed. São Paulo: Paralelo 15, 2006.

FOSTER, Hal. The artist as ethnographer. In: MARCUS, George.; MEYERS, Fred

R. *The traffic in culture: refiguring art and anthropology*. California: University of California Press, 1995.

INGOLD, Tim. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. *Educação*, v. 39, n. 3, p. 404-411, 2016.

MILLS, Charles W. *Sobre o Artesanato Intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

NISBET, Robert. A sociologia como forma de arte. *Revista Plural*, São Paulo, p. 111-130, 2000.

SILVA, Rubens A. da. Entre artes e ciências: a noção de performance e drama no campo das ciências sociais. *Horizontes Antropológicos*, v. 11, n. 24, 2005.

TURNER, Victor. *From Ritual to Theatre: the human seriousness of play*. New York: PAJ Publications, 1982.

WILLIAMS, Raymond. Arte. In: WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave*. São Paulo: Boitempo, 2007.

ZOLBERG, Vera L. *Para uma sociologia das artes*. São Paulo: Senac, 2006.